

Do outro lado do espelho

Como construir o mito de bandido ou de herói - Um estudo comparativo do lugar de Crianças, adolescentes e jovens nas ruas de Florianópolis (SC/Brasil) e Santa Fé (NM/EUA)

Rita de Cácia Oenning da Silva¹

Que espécie de coisas se lembra melhor?", arriscou-se Alice a perguntar.

Oh, das coisas que aconteceram na semana que vem", respondeu a Rainha num tom descuidado. "Por exemplo, agora", continuou, pondo um grande adesivo no dedo enquanto falava, "estou a lembrar-me do Mensageiro do Rei. Está agora na prisão a ser castigado; e o julgamento não começa senão na próxima quarta-feira; e é evidente que o crime só virá no final" (Lewis Carrol, Alice do outro lado do espelho).

1. Introdução:

A mídia anuncia todos os dias que as grandes cidades mundiais sofrem com inúmeros problemas de segurança, alertando sobre como os bons cidadãos devem portar-se para não sofrerem agressões e assaltos em suas casas, nas ruas, no engarrafamento, nas sinalizas de trânsito ou em qualquer lugar "suspeito". E para prevenir este grande mal, aparatos tecnológicos de segurança (como alarmes para carros e casas, grandes portões cadeados ou com controle remoto, vigília pela TV, Câmeras de controle) vêm evoluindo e oferecendo sempre mais segurança às pessoas.

É com grande orgulho que prefeitos e governadores anunciam suas novas campanhas de segurança, com investimentos altos em armas, em policiais, em "batidas" a morros, a favelas, procurando traficantes, bandidos, baderneiros, "foras-da-lei". Em Florianópolis, no ano de 2000, uma grande campanha chamada "Tolerância Zero" foi anunciada na mídia como a mais inovadora para a segurança da Ilha de SC. Tal campanha foi importada pelo Secretário de Segurança e pela Prefeita daquela cidade em visita feita à Segurança Pública de Nova York, seguindo um modelo de controle social total, onde qualquer "suspeito" que se encontrasse na rua poderia ser abordado pela polícia e caso não portasse documentos, poderia ser preso. No Rio de Janeiro, todos os dias vemos anunciar novas estratégias de segurança a uma das cidades mais violentas do mundo. Na semana

¹ Antropóloga/UFSC.

carnavalesca, a invasão de favelas e comunidades de morro do Rio pela polícia militar teve como objetivo conter a violência de traficantes que depredavam os meios de transporte, os estabelecimentos comerciais, colocando a cidade inteira em pânico. E seria necessário rescrever cada dia este texto se quiséssemos acompanhar a preocupação com as medidas de segurança e a violência que acompanha tais medidas, sob pena de estarmos desatualizados apenas em horas. Não é este o objetivo deste texto.

O que pretendo aqui é apontar como a necessidade dos aparatos modernos de segurança não é apenas física, mas antes, é essencialmente ideológica. O discurso sobre segurança vem acompanhado muito mais do sentimento de medo do que da violência em si - vem essencialmente carregado de valores dominantes de um período onde mitos de heróis e bandidos são revisados, revalorizados enquanto a grande narrativa americana. O aparato tecnológico apenas representa a materialização de valores, idéias e representações, como o define Luis Dumont (1985, 2000), valores estes que são construídos coletivamente e tornam-se verdades e realidades não somente nas grandes cidades, mas também em pequenos centros urbanos, e atualmente chegando ao mundo rural, alastrando-se como uma praga descontrolável por todo o território global. Vive-se a era da "(in)segurança". O individualismo como o valor moderno emglobante têm como foco a garantia dos direitos individuais; no entanto nunca se falou tanto da própria violação destes mesmos direitos, mostrando que o mesmo meio que cria o aparato de garantia de direitos, criou, anteriormente, a violação destes.

Para pensar sobre nossos próprios valores e a nossa capacidade de sermos produtores e produtos de verdades, buscarei mostrar como o mito do herói e do bandido se reatualiza e se torna quase um estilo moderno de vida, através de narrativas e motivações de crianças, adolescentes e jovens moradores de rua - estas narrativas revelam alguns aspectos do seu universo imaginário, mas essencialmente mostram como estes são vistos pela sociedade como um todo.

Através da análise comparativa de narrativas de moradores de rua de Santa Fé (NM/EUA) e de Florianópolis (SC/Brasil)², refletirei sobre a condição de "meninos e

² A análise comparativa se fez possível pelas conversas que venho fazendo com Kurt Shaw, Coordenador Executivo da Red Internacional de Meninos e Meninas de Rua, Shine-a-light, o qual financiou minha viagem ao NM, onde pude conhecer a realidade de rua de SF. Destes diálogos, que iniciaram no ano de 2000 na primeira visita de Kurt a Florianópolis, vimos fazendo intercâmbio afim de conhecer e refletir sobre a situação de meninos e meninas de rua, um fenômeno essencialmente presente em cidades grandes do mundo.

meninas de rua", este fenômeno que toma visibilidade somente a partir do Século XIX em várias cidades do mundo, e essencialmente em sociedades onde a ideologia capitalista é preponderante, buscando entender quais representações coletivas colocam-no na condição de heróis e/ou bandidos, seja na sua própria visão, seja pelo modo como a sociedade o trata, enquanto morador de rua. Minha intenção neste texto é salientar como se constrói, seja através da mídia, da legislação, dos aparatos públicos, das pesquisas em Universidades, categorias de exclusão social, que vem interferir diretamente na maneira com que crianças, adolescentes e jovens (em especial as que vivem nas ruas) de qualquer cidade são vistos e tratados³.

Em **Santa Fé**, meu foco de observação primeiramente foi **Outreach**, um centro fundado pela ONG Youth Shelters and Family Services⁴ que funciona durante os dias úteis da semana, sendo uma parceria entre a ONG e Organizações Governamentais (governo do Estado e governo local). O centro funciona das 8:00 h até as 16:00 h, de segunda à sexta, onde jovens e adolescentes que vivem na rua vão para tomar banho, lavar roupas, alimentar-se, adquirir algum alimento para a noite e o fim de semana e principalmente encontrar-se com amigos, conversar, e de certo modo, garantir uma rede de relações. O segundo espaço de observação em SF foi **La Plaza**, que se situa no centro comercial e turístico da cidade. Lá os jovens se encontram quase diariamente, e reúnem-se em vários grupos.

Em **Florianópolis**, minha observação se estendeu a alguns dos bairros de periferia onde moram os meninos e seus familiares, e em vários lugares do Centro da cidade (Praça XV, Calçadão Felipe Schmidt, Rodoviária, Terminal Urbano, Alfândega, Camelódromo,

³ É importante deixar claro que as teorias sobre marginalidade não nos servem para pensar este grupo, uma vez que não os entendo como pessoas que vivem à margem, mas como pessoas que se constroem e são constituídos dentro de uma mesma ordem social onde a exclusão se dá pela criação de categorias sociais coletivas que se tornam hegemônicas.

⁴ Este projeto foi idealizado por Naomi Woodspring, inspirada na experiência que passava com sua filha, que começava a estar por mais e mais tempo na rua. Entendendo o desejo da filha de ir para a rua, Naomi não se volta contra ela - ao contrário, trata de aprender com a experiência da filha o que é a vida na rua. Funda então, em 1997, juntamente com Jack Hueumthries, o Outreach, sendo que inicialmente os mesmos levavam aos moradores de rua auxílio diário, distribuindo camisinha, alimento e roupas. Posteriormente, em 2000, adquirem uma sede, onde os jovens têm acesso basicamente a um espaço para banho, alimentação, camisinhas de vênus, a serviços advocatícios através de convênios com particulares, assistência médica, espaço para cozinhar, roupas, barracas, sacos de dormir, entre outras coisas doadas ao centro por particulares ou outras associações governamentais ou não-governamentais.

Aterro da Baía Sul), por onde estes se encontram diariamente, muitas vezes juntamente com parentes, amigos e familiares.

2. Contextualizando

2.1 Santa Fé

Santa Fé é uma cidade turística Norte-Americana localizada ao sul dos EUA - capital de Novo México, Estado tomado do México pelos americanos na guerra entre os dois países em 1846. É uma cidade com alto custo de vida, com forte migração interna de classe alta norte americana e com poucas possibilidades de emprego fora do comércio e do turismo.

Para quem conhece pouco da diversidade norte americana, SF é uma cidade que surpreende a um visitante de primeira mão por sua arquitetura baseada em construções de adobe, técnica tipicamente indígena, com casas de no máximo dois pisos, excluindo os arranha-céus das grandes cidades, o que a torna mais exótica e atraente. Também a presença de pequenas flores e árvores típicas do deserto chamam a atenção no verão. Mas acredito que o mais atraente a um antropólogo sejam os grupos que se encontram nas ruas de SF, mesclando povos indígenas, em grande maioria artesãos muito habilidosos, mexicanos em grande número e outros grupos latinos (guatemaltecos, salvadorenos, brasileiros, chilenos, entre outros), mesclando na rua a língua inglesa com a espanhola. Estes contrastam com grupos exóticos da nova era - new-hippies, norte americanos classe média alta, que assumiram a estética e o modo de vida hippies dos anos 60, com algumas modificações. Há também em SF uma forte cultura de que acredita nos OVNIS - grupos que acreditam na existência de extraterrestres, e em consequência disto, existe um grande comércio de artefatos com imagens e menções a estes imaginários seres.

A relação com a população autóctone da região, a partir da tomada do território pelos norte americanos é marcada pela desigualdade socio-econômica, típica da relação imperialista na América, pois segundo Shaw (2002), "Ahora, los habitantes originales del estado, sean indígenas o hispanos, son marginados y empobrecidos, y los blancos migrantes controlan el dinero y la tierra, y gobiernan en una alianza con unos sectores élites de la población latina."

Sendo uma cidade turística e região de fronteira com o México, muitas famílias mexicanas pobres vem buscar emprego, e habitam bairros pobres de SF, engrossando o

número de homens que ficam nas ruas e mais tipicamente na Praça do Trabalhador (uma das praças da cidade) oferecendo seus serviços com intuito de sustentar suas famílias, estejam elas em SF ou ainda no México.

Ainda que se tenha um grande número de famílias pobres mexicanas e indígenas na região, não é comum encontrarem-se crianças descendentes destes grupos nas ruas de SF, seja trabalhando para ajudar no sustento da família ou mendicando (como seria comum em qualquer cidade brasileira que recebe migrantes pobres), seja dormindo nas ruas, longe da família. A dinâmica familiar mexicana tem seus valores fortalecidos na migração, o que mesmo na pobreza, faz com que se mantenham agregados em grupos familiares. Mas então, poderia-se pensar que não se encontra nesta cidade o fenômeno de "crianças de rua"? Sim, encontra-se - em verdade, não exatamente "crianças" de 0 a 10 anos⁵, mas mais tipicamente jovens e adolescentes, e surpreendentemente quase todos vindos da classe média norte americana, e segundo alguns informantes, muitos vindos de cidades e estados vizinhos⁶. Este dado é de fato surpreendente quando se contrasta com a realidade dos países de América do Sul ou América Central, cujo número de crianças entre 5 a 11/12 anos que vivem ou trabalham nas ruas é muito significativo.

Ao observar os "meninos de rua de SF" que passavam em **Outreach** e que se encontravam na praça Central de SF (La Plaza), pareciam muito mais com as tribos urbanas⁷, como as conhecemos nas cidades urbanas brasileiras, do que com os "meninos e meninas de rua". Mas alguns são, mesmo que temporariamente, moradores de rua, e certamente, em períodos de inverno, com a grande quantidade de neve e a baixíssima temperatura da região, estar na rua é um grande desafio. O exótico para meu olhar era que parte dos jovens moradores de rua vestem roupas da moda, muito bem cuidadas, carregam celulares, tem carros, e muitos tem e-mail - aparatos que normalmente terão os jovens

⁵ A única criança que conheci que circulava diariamente na rua em SF foi Matt, um menino de aproximadamente 5 anos. Acompanhado de sua irmã mais velha, Cris, de 13 anos, vinha ao Centro e ao Outreach pela tarde enquanto os pais trabalhavam durante o dia. Ficavam ali conversando, desenhando, pintando, e quando chegava o horário dos pais saírem do trabalho, iam ao seu encontro para se dirigirem juntos à casa. Cris e Matt são de uma família trabalhadora que não pode pagar alguém para cuidar dos mesmos, como acontece usualmente. Então os leva ao centro da cidade, próximo onde trabalham e os mesmos arrumam algo para fazer durante a tarde. Cris se aproximou dos grupos da rua e vem gradativamente se identificando com eles.

⁶ Informações fornecidas pelos próprios jovens e adolescentes, por Kurt Shaw, e retirados do mapa do Outreach, onde se anota de onde cada um dos moradores de rua vem.

⁷ Uma tribo urbana, resumidamente, se caracteriza especialmente pelo fato de portarem-se segundo valores determinados pelo grupo, normalmente com um modo de vestir que os identifica, com códigos ligados à filosofia do grupo.

classe média alta brasileira que vivem com seus pais ou são sustentados por estes. Entre eles era possível identificar como formavam grupos com códigos próprios, exibindo uma estética corporal própria, uma vestimenta e modos de cumprimentar-se bastante específicos, que os caracterizava enquanto grupos distintos. Em especial quando estão juntos, é nítido como a experiência na rua está muito ligada a uma identidade de grupo. Percebe-se logo que tem grupos de apoio e de identificação, que se contrapõem ou se agregam a outros em determinados momentos. Alguns pareciam inclusive quase "ingênuos" para os olhos de uma antropóloga que trabalhou com moradores de rua no Brasil, que expressarão no olhar a preocupação diária com a sobrevivência na rua, o que não parecia ser o caso dali. Com uma estética rebelde, portam roupas rasgadas, mas limpas ou com uma sujeira planejada, cabelos organizadamente despenteados, calças e blusas maiores que o corpo, com um andar jogado, típico dos grupos de rua, no entanto não terão roupas verdadeiramente sujas e rasgadas como normalmente portam a maioria dos moradores de rua no Brasil. De algum jeito, era como se a preocupação dos jovens de SF fosse em "parecer" ser rebelde de rua.

Entre os jovens que conversei, a narrativa que mais se destacou foi a de **aventuras**. Contavam das viagens que já fizeram, e é muito comum seguirem sozinhos ou em grupos por outras cidades norte-americanas - sua experiência de ir de um estado a outro mostra a constância da prática da viagem entre os mesmos. Na sua narrativa, o orgulho por serem viajantes e ou arriscarem-se na rua era o mais evidente."(...) dicen que viven en la calle para buscar la aventura, para hallar un sentido de la vida, o porque es divertido." (Shaw, 2002)

Numa conferência instigante dada por Kurt Shaw em Recife, o pesquisador lembra que muitos deles são violados dentro da casa, ou pela ausência dos pais que trabalham durante todo o dia fogem da invisibilidade das grandes casas, indo à rua seja para encontrar parceiros, seja para fugir dos maus tratos. Por isto, tais adolescentes são conhecidos pelos discursos hegemônicos e acadêmicos como "runaways" (fugitivos) e não como crianças de rua, ainda que em muitos casos, identificando-se com o fenômeno dos meninos de rua da América Latina, definam-se como "street kids", que seria uma tradução daquele termo. O conferencista, que trabalha diariamente com estes jovens, lembra que existe um prestígio em viver na rua, no sentido que estes jovens (os runaways) "son más auténticos, honestos, y duros; personas que vale la pena emular" (Shaw, 2002).

O envolvimento destes com as drogas é muito relacionada ao consumo, no entanto

podem servir de mediadores entre narcotraficantes e a juventude classe alta, que por segregação étnica e de classe, muitas vezes não tem acesso rápido aos narcotraficantes. Estes é um dos modos de conseguir dinheiro na rua, mas também alguns deles esmolam, outros trabalham, outros recebem algum dinheiro de parentes, conhecidos, amigos.

Normalmente dormem em barracas nas montanhas, mas vêm ao centro da cidade quase todos os dias, onde conseguem suprimentos para o dia-a-dia.

2.2 Florianópolis

Florianópolis é, como SF, uma capital turística, localizada ao Sul do Brasil. Colonizada pelos açorianos no século XVIII, Florianópolis tem hoje pouquíssimos grupos indígenas que habitavam suas terras, - apenas 3 pequenas comunidades guaranis. É um dos principais focos de migração da região, juntamente com Joinville, recebendo inúmeros grupos migrantes nos últimos anos. Apesar de ser capital do estado, era uma pequena cidade - quase provinciana - com poucos habitantes até os anos 50, crescendo vertiginosamente nas últimas décadas, seja pela criação de serviços públicos (Universidade Federal, Eletrosul) e mais recentemente pelos processos de migração ocasionados pela propaganda turística. A migração pelo turismo foi primeiramente argentina (anos 70/80) e de cidades do interior do Estado e mais recentemente (final de 90/2000) incrementam a migração pessoas especialmente de estados como Rio de Janeiro, SP, RS, que vem em busca da qualidade de vida perdida nas grandes cidades^g. Conhecida como "Ilha da Magia", o foco da migração classe média-alta é para o território insular, em busca das belezas naturais prometidas em propagandas turísticas. A Ilha têm, no entanto, sérios problemas de transporte coletivo, saneamento básico, recursos hídricos, especialmente no verão, quando a população turística aumenta seguramente mais de duas vezes o número de pessoas na região, causando um impacto na vida cotidiana e ao meio ambiente desta cidade insular.

Ao contrário dos jovens de SF, os moradores de rua de Florianópolis são especialmente vindos de famílias de classes populares, em parte migrantes de cidades vizinhas (Região de Lages, Rancho Queimado, Chapecó, Caçador), e noutras, de antigas

^g Paradoxalmente, com incremento da migração dos grandes centros, que buscam maior qualidade de vida, Florianópolis tem se tornado uma cidade com crescente índice de violência urbana; com falta de recursos hídricos e de saneamento básico, vem sofrendo acelerada degradação do meio, decaindo assim sua fama de cidade maravilhosa e pacata.

famílias moradoras de comunidades populares da região. A idade destes também se diferenciará já que os adolescentes que dormem nas ruas em Florianópolis se iniciam muito mais cedo - normalmente com 9 ou 10 anos alguns começam a não voltar diariamente à casa. Muitos deles parecerão quase crianças, apesar de terem 19/20 anos de idade. Vivendo na rua por muito tempo, usando drogas como cola de sapateiro, que dizem ajudar a suportar a fome e o frio, muitos deles permanecem com estatura de criança, apesar dos pelos no peito, no rosto e nas pernas denunciarem sua idade.

O número de crianças que trabalham, esmolam ou dormem nas ruas cresceu muito com a migração e hoje há uma forte campanha na cidade por parte do serviço público para tirar estas crianças da rua, remetendo-as à casa e à escola⁹. Assim como seus pais, estas crianças e adolescente são atraídos pelas possibilidades que uma cidade grande pode oferecer no serviço informal, mas também pela visibilidade que o centro da cidade lhes trás, seja para esmolar, seja para trabalhar, seja para encontrar outras pessoas.

O grande número de crianças que estão pelas ruas pode ser dividido em dois grandes grupos: os que voltam para casa diariamente e os que dormem com mais ou menos frequência nas ruas. Entre os primeiros, o maior número é de crianças que vêm ao centro para trabalhar ou para esmolar. E o segundo grupo é o que se entende atualmente como "moradores de rua", mas que não necessariamente dormem sempre na rua. É preciso dizer que há, entre estes dois grupos, uma diferença fundamental na maneira como se vêem entre si e em como a própria população os vê.

A lógica do trabalhador, honesto e capaz de ajudar na casa, mantém muitas crianças e adolescentes ligados ao grupo familiar, parecendo-se com o caso dos migrantes mexicanos em SF; mas neste caso, diferencia-se drasticamente daqueles, já que são estes quem, em muitos casos, trazem boa parte da renda da família, pois justamente por serem crianças, conseguem vender mais rapidamente seu produto, especialmente pela piedade que suscitam nas pessoas na rua¹⁰.

⁹ Sobre esta campanha, é preciso observar que muitas vezes tratava-se não de um cuidado para que crianças e adolescentes tenham uma boa formação escolar, mas sim de um processo de retirada do centro por ocasião do período turístico. Há muitos relatos de meninos e meninas, de adultos moradores de rua, de agressões e maus tratos que sofreram nas ruas, sendo levados em camburões pela polícia a outras cidades vizinhas e abandonados lá. Esta 'limpeza social' é estratégia conhecida em administrações públicas que desejam impressionar turistas e visitantes da competência do seu mandato.

¹⁰ Este mesmo fenômeno se observa em quase todo o território brasileiro. Estudos recentes sobre turismo e infância na rua acompanhados pela Shine-a-Light, mostram que no México a população indígena, que tradicionalmente trabalhava em grupo familiar (normalmente as mães junto com as crianças) vendendo seus

Por outro lado, os adolescentes e crianças que dormem com mais frequência na rua têm sua própria subjetividade, que diferencia-se essencialmente pela coragem que devem ter (e também demonstrar) naquele meio. O ambiente inóspito, frio, chuvoso de Florianópolis, não poderia ser suportado se não fosse a coragem destes e as redes de apoio flutuantes que se criam (entre eles próprios mas também com vendedores, alguns donos de lojas, transeuntes, amigos, parentes) nos períodos mais difíceis. No inverno, especialmente quando estão doentes, dormem em casas de amigos e parentes, em abrigos municipais ou de ONGs. Mas também há entre o grupo uma grande valorização da capacidade de viver em situações adversas. Estas crianças e adolescentes normalmente trazem na narrativa orgulho da sua capacidade de se "virarem sozinhos", e de não trabalharem mais para os pais. São em muitos casos envolvidos com o narcotráfico local, servindo inicialmente de "aviãozinho"¹¹. São poucos os moradores de rua que crescem dentro da hierarquia do narcotráfico; normalmente são consumidores (e trabalham para sustentar o vício), e poucos envolvem-se tornando-se grandes traficantes.

Como os jovens de SF, formam grupos específicos os quais identificam-se mais, e normalmente é com estes que dormirão, para maior segurança tanto da polícia, quanto de grupos rivais. Para isto, os "mocós"¹² são sigilosos, sabendo localizá-los apenas aqueles confiáveis ao grupo. Caso se desvende o local à uma pessoa de pouca confiança, mudarão imediatamente de mocó. Também fazem revezamento entre alguns esconderijos noturnos para o lugar "não ficar manjado".

Ainda que a presença destas crianças e adolescentes nas ruas possa ter motivos muitas vezes dramáticos como a violência em casa, a falta de uma escola adequada à sua realidade comunitária¹³, o envolvimento com o mundo das drogas, a pobreza familiar,

manufaturados a turistas e transeuntes, atualmente, pela preferência dos compradores em negociar com as crianças, ou mesmo dar-lhes esmolas, estas têm se transformado nos principais atores da venda familiar.

¹¹ Termo usado para crianças ou adolescentes que levam e trazem recados, ou entregam pequenas quantidades de drogas.

¹² O próprio termo significa esconderijo.

¹³ Muitos deles não suportam as escolas, e mesmo que não se tornem moradores de rua, dificilmente seguem estudando. Reclamam alegando que não são capazes de serem bons estudantes. Normalmente as escolas têm uma dinâmica cotidiana que não se adequa à realidade comunitária. Então, é nas próprias escolas, muitas vezes dos professores, que aprendem da sua " falta de capacidade" para ser estudante. Por outro lado, os pais desestimulam os filhos a frequentarem as aulas dizendo que lá não aprenderão nada útil à sua vida. Alguns bons programas, como o "Oficina do Saber, do CEDEP tem tentado inverter este quadro trabalhando com pedagogias inclusivas, com métodos que partem da realidade cotidiana dos alunos. Algumas poucas escolas, por iniciativa de alguns profissionais, têm feito parcerias com a comunidade, integrando-a à dinâmica

fatores que são lembrados nos relatórios e em trabalhos acadêmicos sobre esta população, é importante lembrarmos de aspectos estratégicos destas comunidades, como a circulação de crianças, como salienta Fonseca (1993, 1995) e Silva (1998), como motivador destas crianças nas ruas, bem como para aspectos positivados da rua, como a solidariedade, as subjetividades de cada um deles, da vida na rua, os processos identitários, a noção da rua como um espaço extensivo da casa onde as relações de parentesco e de solidariedade se dão; e ainda atentar-se para a própria forma como adolescentes, jovens e crianças resistem à inúmeras tentativas de serem remetidos à instituições, configurando a rua como um espaço de convivencialidade.

3. Refletindo sobre o campo em Santa Fé e Florianópolis - Diferentes realidades, mesma narrativa:

Em Santa Fé, quando encontrei os adolescentes de rua vi que tratava-se de uma realidade um pouco distinta da que presenciamos no Brasil. Poderíamos dizer que a questão central desta diferença é marcada por fatores sócio-econômicos, já que os adolescentes de SF tem acesso mais fácil a bens (alimentos, roupas, carros, celulares) que no Brasil (onde bens como celulares, carros não são visíveis na rua como parte do cotidiano) - mas esta diferença não nos ajuda a entender a vida na rua, uma vez que pobres e ricos vão à rua igualmente, tendo ou não conforto na casa – tendo ou não conforto na rua¹⁴. Diferencia-os também o fato que a grande maioria dos meninos de rua no Brasil podem iniciar-se naquele meio enquanto meninos, e em SF de fato estes já não podem ser considerados "crianças" quando iniciam-se na rua. Estes fatores certamente fazem com que o dia-a-dia destas crianças, adolescentes e jovens se distinga, seja na dificuldade de viver naquele espaço, seja nas estratégias que se deve ter para sobreviver, seja no sentido que a vida na rua tem para cada um deles. Mas, apesar destas diferenças, o fenômeno apresenta semelhanças que vale considerar. Alguns aspectos que se apresentaram em campo nos dois universos possibilitam uma reflexão sobre "estar na rua" e quiçá nos ajude a compreender um pouco mais o fenômeno.

cotidiana escolar.

¹⁴ Uma adolescente que vive na rua em SF, comparando a experiência da rua entre EUA (SF) e Brasil, lembrou que uma das principais diferenças de viver na rua em ambos países é que em SF não se morre de fome na rua. Apesar de dar-lhe completa razão, lembrei-a que no Brasil, pela desigualdade social, se morre de fome na rua ou na casa.

Em ambos os casos, a experiência na rua trata-se de uma experiência de busca de sobrevivência diária, onde estes integram-se a uma rede de relações que permitam conseguir alimento, abrigo, segurança, amizade, afeto. Assim, além de terem redes de apoio na sociedade abrangente, formam "trupes" das quais podem identificar-se na rua. Este aspecto é importante pois veremos a diversidade de agrupamentos e de formas de manter-se naquele meio, evidenciando que não há homogeneidade ali, mas sim processos identitários, sejam agregadores ou contrastivos.

A "rua" ou "the street" é importante na construção desta identificação do grupo. A rua passa a ter um significado e um valor que contrasta imediatamente com o valor que esta tem nas sociedades modernas. A rua é, antes de tudo, o espaço de sociabilidade, de encontro, perspectiva que não corresponde ao modo como a sociedade moderna vê aquele meio. Lugar de passagem, meio de acesso ao comércio, à escola, e à casa, este ambiente constitui-se mais e mais dentro de um imaginário do "perigo". Assim, ambos os grupos são vistos pela sociedade abrangente como estando "fora do lugar" designado a eles - ou seja, estão fora das instituições apropriadas à sua boa formação como a casa, a escola, os reformatórios¹⁵, o exército, a marinha. Na rua estão também fora do olhar de educadores, psicólogos, e da própria família, especialistas que poderiam lhes dizer o que é melhor na vida. Mary Douglas (1970) demonstra muito bem que o que é visto como "fora do lugar" é visto como "perigo", ou como "problema social", e precisa imediatamente ser modificada

¹⁵ No Brasil o número de adolescentes e jovens que vivem em reformatórios é imenso. Com o objetivo de "ajustar sua conduta", estes ambientes são verdadeiras prisões juvenis, onde os adolescentes e os jovens aprendem rapidamente os códigos do mundo do crime. Mesmo que a experiência tenha mostrado que tais instituições não tragam qualquer benefício para os jovens e adolescentes no sentido comportamental (ao contrário) tampouco à sociedade, já que se todos sabem que lá se "formam verdadeiros marginais" (frase muito usada pela população para referir-se a estes lugares), cada vez mais se controem ambientes "seguros", de onde estes jovens não possam fugir. A preocupação central está no aparato de segurança que os administradores devem apresentar à sociedade para manter no cárcere meninos e meninas normalmente pobres e negros. Em SF, igualmente, quase todos os que vivem nas ruas tem longa história com o cárcere. São presos por qualquer ato que parece "ilegal". Uma garota muito bela caminhando num shopping com seus dois filhos e dois homens a seguiam com chamamentos vulgares, entrou numa loja e pediu ao dono que fizesse algo. Ele chamou a polícia, mas neste caso quem foi presa foi a garota, que fugira da prisão fazia anos. Outra história curiosa é a de um garoto latino, que estava comemorando a saída de seu amigo da prisão. Beberam muito e acabaram brigando com outros garotos na rua. Aquele noite, além de apanhar dos garotos na rua, passou a noite na prisão.

sua condição sob pena do grupo todo sofrer com isto. No entanto, o lugar "asséptico" (Freire, 1979; Ariés, 1985) que se oferece a estes jovens e adolescentes não corresponde ao lugar do seu desejo. Assim, rompem com padrões hegemônicos da noção do espaço físico e não se submetem facilmente ao controle e à vigília (Foucault, 1979; Ariés, 1985) que a modernidade vai propor gradativamente à infância e à juventude.

Mas podemos nos perguntar por quê estes rompem com os padrões casa/rua? E se rompem, quais outros saberes produzem?; Quais novas verdades produzem nestes saberes? Por quê resistem tão fortemente em submeter-se ao lugar ideal designado à estes? Algumas questões são fundamentais para entender o fenômeno da infância e da juventude na rua sob uma perspectiva que negue a lógica da marginalização ou da piedade tão comum em várias análises que se ouve dos transeuntes da rua. Aponto aqui três delas: 1) a forma como a rua possibilita uma visibilidade que na casa não existe ou não é possível; 2) a necessidade de uma vida onde a experiência é emergente, e onde é possível produzir narrativas próprias, onde a adrenalina, o perigo, a aventura são parte integrante de seus contos e da própria experiência, valores fundamentais do mundo moderno; 3) a capacidade de agência destas crianças, jovens e adolescentes, que os torna capazes de rebelar-se contra uma cultura estabelecida, propondo um novo olhar sobre si.

3.1 A Invisibilidade da casa e a Visibilidade da Rua

Tanto para as crianças de classe média ou alta norte-americana, onde a casa é um espaço cotidiano quase solitário pelo uso constante de TVs à cabo que permitem conhecer ao mundo pela tele, videos-games onde a emoção e a aventura estão em apertar botões, em inumeráveis brinquedos que enchem estantes, quanto no espaço da favela das comunidades de Florianópolis, onde estar em casa pode significar não ter o que comer, ou não viver o universo cotidiano da rua com amigos e parentes, a casa pode significar uma invisibilidade, ou uma solidão que na rua aparentemente não seria possível. Assim, a rua parece representar um **espaço possível de visibilidade**¹⁶.

¹⁶ A rua também tem sido apresentada pelos moradores de rua como um espaço de liberdade. E sob diversos aspectos de fato é, pois quando um jovem ou uma criança não deseja submeter-se às regras familiares, estar na rua é estar livre destas regras. No entanto, ainda que o mito da "liberdade" apareça em trabalhos que remetem a motivos de jovens e adolescentes morarem nas ruas, entendo que a experiência da rua não abarca somente esta

Entre os grupos trabalhadores de rua (crianças e adolescentes que passam todos os dias nas ruas trabalhando) de Florianópolis a rua é mais que um espaço de trânsito: ela é um espaço de convívio entre parentes, amigos, entre vendedores e compradores. E neste caso especialmente as ruas centrais, onde há maior número de pessoas que circulam durante o dia, esta visibilidade é maior. Formam-se grupos de convívio diário, grupos de mútuo apoio que se estenderão no bairro, na casa, em forma de apadrinhamento, de redes de amizade, de associações no trabalho, em trocas de serviços. E neste caso sequer se pode falar em subverter a lógica da casa, pois o continuum existente entre um e outro caracteriza uma noção de casa e rua não como categorias opostas, mas espaços complementares onde aquilo que acontece na casa se estende à rua e vice-versa¹⁷. No caso específico das crianças, adolescentes e jovens que dormem nas ruas, a visibilidade se dará em função do reconhecimento entre os colegas, de amizades com empregados e alguns donos de padarias, confeitarias, supermercados. E mesmo, no caso de Florianópolis, grande parte destes podem estar em constante contato com os familiares na rua, dada a rede descrita acima.

Mas ter a rua como espaço de visibilidade não é sequer característica de comunidades faveladas, nem de jovens e crianças. Em Florianópolis, outro grupo que tem ressignificado este espaço como lugar de convívio são os "velhos", que se vendo sozinhos em casa (especialmente quando moram sozinhos ou quando os filhos ou pessoas com quem residem passam o dia no trabalho), têm ido às ruas para conversar, jogar xadrez, ver o movimento, encontrar novos amigos; enfim, encontrar o que fazer para "passar o tempo", como eles mesmos dizem. Passam grande parte do dia no centro da cidade, ocupando algumas praças e ruas, contando histórias, encontrando os amigos, rindo, jogando, e voltam para casa à noite.

3.2 A experiência da rua: Narrativas e performances como visibilidade e reflexividade

E de fato, uma das características mais atraentes da rua é que sempre se pode ouvir

perspectiva, pois muitos deles sabem que a vida na rua tampouco é totalmente livre. Esta questão será tratada nos próximos itens não no sentido de "liberdade", mas no sentido da capacidade de agência e da ingovernabilidade que estes jovens, crianças e adolescentes apresentam na sua estada na rua.

¹⁷ Para maior discussão sobre o tema ver Silva(1998), DaMatta(1985).

estórias; sempre há alguém narrando fatos acontecidos, piadas; há grande circulação de informações, brincadeiras, jogos. Era muito comum quando estava em campo, ouvir estórias de vários tipos, desde narrativas de história de vida, estórias dramáticas, outras engraçadas; narrativas de roubo que eram cheias de suspense, com grande quantidade de dinheiro envolvida, o uso de carros, armas; narrativas sobre o enfrentamento das dificuldades da rua, sobre experiências sexuais, etc, etc. Verdadeiras ou não, tais narrativas expressam o imaginário do mundo da rua, já que dizem o que é o valorizado e que deve ser rejeitado naquele meio. Não nos cabe aqui duvidar da veracidade de tais narrativas - narrativas sempre têm algo de fantástico, algo curioso e algo verdadeiro - o que interessa é o fato de serem aquelas narrativas e não outras que se encontram naquele meio. Nem pretendo discutir aqui se tais narrativas incobrem ou não outros motivos mais "realistas", mais "grotescos", como o trabalho infantil, a violência familiar, o uso de drogas. O que me interessa é chamar atenção da existência das narrativas em ambos os meios como um elemento importante para expressar suas experiências na rua, bem como para o conteúdo de tais narrativas (que se assemelha nos dois universos) e especialmente para a performatividade na narração, dando ênfase para a forma como estas estória eram contadas (o que demonstra o desenvolvimento de uma estética na rua onde se valoriza as capacidades performáticas de narrar suas próprias experiências).

Observando as narrativas de crianças e adolescentes de rua em ambos os meios podemos notar imediatamente o quanto aspectos como a coragem, o enfrentamento das dificuldades na rua, a camaradagem entre estes é constituidora da experiência da vida na rua seja ela como viajante, ou como morador de rua.

Em Florianópolis, lembro-me de Zezinho, um garoto de 10 anos, que vinha da casa de sua mãe para encontrar seus amigos. Pegamos o mesmo ônibus e sentamos um ao lado do outro. E iniciamos uma conversa sobre seus amigos que não sei ao certo por que, acabou na sua narrativa sobre a vida na rua - o enfoque era em como viver na rua era perigoso - e o quanto ele próprio se submetia a situações onde a coragem, a malandragem, a ousadia, deveriam estar presentes. "É dona, a gente já teve muito dinheiro na mão. Uma vez eu, o Zeca e o Salésio roubamos uma loja e ficamos com 20.000 reais - a gente nunca tinha visto tanto dinheiro. Aí arrombamos um carro e saímos por aí, gastando o dinheiro. Era tanto dinheiro que a gente nem sabia onde colocar". Como estávamos num ônibus, quase todos ali podiam escutar o conto, e quem o mirava, podia testemunhar gestos longos e expressivos, virando o corpo de um lado a outro, gestos carregados de orgulho das suas aventuras e da

sua capacidade de "virar-se na rua".

Seu tio, um garoto de 14 anos, mas que parecia 9 pelo tamanho e magreza e muito mais pela fama e esperteza no roubo, dois meses depois mostra a tensão que existe entre os que dormem na rua e os que voltaram para a casa, "submetendo-se" ao conforto das velhas intuições. Era uma tarde de sexta e Benedito (Bene) chegou no Terminal Rodoviário Rita Maria com mais dois amigos. Eu e Heloisa, uma amiga que trabalhara num programa na área da infância na prefeitura, encontramos com os garotos dois minutos antes da cena que relato. Amigos de muito tempo de Heloisa, ao nos encontrarem, contaram coisas engraçadas sobre pessoas que eu desconhecia, riam, mas também reclamaram que não tinham dinheiro. Dizendo precisarem imediatamente de uma grana e depois desafiaram-na: quer ver eu deixar aquele garoto na mão? Bene referia-se a um adolescente de aproximadamente 14 anos, vestido de uniforme azul, que trabalha no projeto de Guardas Mirins da Prefeitura. Estávamos no principal ponto de chegada para o embarque dos passageiros, em frente à rodoviária. A cena é rápida, mas cheia de surpresas. Chega um táxi. Ele e os dois amigos aproximaram-se do garoto e vendo que este tentava impedir que se aproximassem do carro que chega (já que os garotos que não participam do projeto não podem desempenhar papel de ajudante dos passageiros com as bagagens), pronunciam xingamentos em meia voz, quase ao pé do ouvido, dizendo que ele era tolo em entrar para o projeto e ficar preso a um programa que não fazia mais que explorar o trabalho deles. A porta do carro se abre e Benedito imediatamente salta à frente, toma o carrinho do garoto com uniforme, dirige-se até a porta traseira do carro, abre-a com um gesto cortês, e lança sua mão até a mão da senhora magra, elegantemente vestida, de aproximadamente 55 anos, que descia do táxi. Ela estende a mão até a dele e se pode ver o contraste da sua branca pele com a de Bene, que vivendo na rua, estava escura pela sujeira. Ele a ajuda a sair do carro, vai até o bagageiro, pega as malas com o motorista, as coloca no carrinho que tinha disponibilizando num salto do outro garoto, acena à mulher e sai num andar elegante, cavalheiro, rebolando levemente o quadril, acompanhando-a até o ponto de embarque. Só muda sua postura de cavalheiro quando, por segundos, decide fazer valer sua afirmação perante o garoto uniformizado do seu poder. Olha para trás rapidamente, estende a língua, pisca o olho esquerdo para nós duas, olha para os amigos, acertando-se que assistiam sua pose, olha novamente para o garoto com o uniforme e arca o corpo com a cabeça erguida, o nariz quase impositivo, como quem quer dizer: viste, aqui quem manda sou eu!!!, e segue sua missão. Depois de deixar a bagagem da Senhora, receber dela um afago na cabeça e um trocado pela gentileza do

serviço, volta animadamente, entre saltos mais ou menos controlados, quase como um menino feliz, até que sai da vista da senhora. Quando ela já não o avista, volta novamente a um andar vagaroso, com pernas jogadas à frente do corpo, com olhar malicioso e zombeteiro. Chega onde estávamos e diz ao rapaz: Tá vendo seu playboy, quem é que manda aqui?! Faz muita graça com o garoto perante os outros dois amigos, gozando da sua submissão aos "donos do ponto" (aos monitores do projeto), conversa um pouco mais e depois do conselho de Heloisa que não gaste tudo o que ganhou com craque, sai em direção ao fundo da rodoviária, em direção à Baía Sul.

Em SF, a história de um adolescente de 15 anos fala do gosto pela viagem e da valorização da capacidade de "virar-se sozinho". Encontrei-o pela primeira vez no Outreach. Ficou prontamente interessado em saber que língua eu e Kurt falávamos; aproximou-se de mim e pudemos nos comunicar primeiro mediados por Kurt e depois sozinhos ainda que ele não falasse português e eu soubesse pouquíssimo do inglês. Eddie brincou com a nova língua perguntando como se dizia - How are you? em português. Quando Kurt seguiu para a outra sala, e ele perguntou-me de onde viera. Mostrei-lhe no mapa mundi onde se situava Florianópolis, pois ele tinha muita curiosidade sobre este "faraway place" ("lugar distante"). Foi quando Eddie contou por onde viajara, pedindo carona, e onde já houvera morado. Eram muitos os estados Estadunidenses em que morara, o que me causou certo espanto pois ele parecia muito jovem (15 anos, no máximo). Ele demonstrou muito orgulho em enfatizar que já havia viajado bastante, mesmo sem dinheiro. Com as caronas seguia sozinho de um lugar a outro. Perguntou-me o que fazia ali - quando falei-lhe sobre meu trabalho com crianças de rua em Florianópolis, disse que morara na rua muitas vezes, mas que agora tem uma casa. E imediatamente colocou a mão no bolso e tirou uma chave que exibiu-a com delicadeza.

Neste mesmo dia, uma sexta feira, Jesse, um garoto de 19 anos, morador de rua, narrou sua "aventura" do final de semana. Porém, o tom era de muita preocupação pois tratava-se de um caso bastante sério para ele. Saía de uma casa de dança com uma garota quando uma gangue os atacou. A garota era o alvo da gangue e de fato foi a que mais sofreu agressões do grupo, mesmo com a ajuda de Jesse, que também apresentava ferimentos da briga. Os ferimentos da garota tinham sido tantos que ela passou quase toda a semana em coma. Naquela sexta a garota tinha voltado do coma, mas segundo orientações médicas, ficaria quase um ano sem possibilidade de falar. Jesse demonstrava muita chateação em não

ter tido sucesso na defesa da garota. Ele e seus amigos combinavam um jeito de fazer vingança, mas os membros do Outreach tentavam convencê-los a acionar a polícia e evitar assim a propagação da briga. Neste caso, estar na rua, visível, significava estar mais exposto aos ganguistas, o que preocupava a todos. Jesse sabia que teria que "sumir" temporariamente, ainda que seu desejo fosse de enfrentar toda a gangue. Ele, em especial, entre os demais colegas da rua, tinha uma atitude visivelmente de enfrentamento. Sempre contava sua capacidade de luta e tinha no corpo muitos sinais que podia mostrar aos demais que comprovavam isto. Seu andar era exageradamente de "malandro", tatuagem na mão e roupas (blusa com capote) cuja insígnia era de ganguista. Ele vinha do sul Santa Fé e por isto era identificado como uma gangue do "south side"¹⁸.

Simmel, já em 1902, analisando a metrópole, anunciava a ambigüidade e a dualidade que move o ser que a habita, onde para sobreviver o sujeito precisa tornar-se visível e ao mesmo tempo preservar-se de todos os estímulos que ali existem, numa atitude que o autor chama de *blasé*. Se por um lado a *atitude blasé* de Simmel aponta uma tendência à interioridade na vida individualista da cidade, onde o sujeito, para se preservar, precisa de uma reserva, uma leve aversão e repulsa mútua e uma certa indiferença a tudo e todos, por outro o autor diz que há na metrópole uma independência essencial, uma liberdade que em outros lugares não seria possível. Entre as características deste sujeito apontadas por Simmel, e que para mim diz muito sobre a vida na rua, é justamente a necessidade de uma agência quando este, no caos da metrópole, precisa se fazer evidente. Este aspecto salientado pelo autor anuncia uma ambigüidade quase estética a este sujeito moderno: reconhece-o por um lado invisível (interiorizado) e por outro anuncia sua singularidade na rua, numa visibilidade quase extravagante. Destaca como "(...)a pessoa precisa enfrentar a dificuldade de afirmar sua própria personalidade no campo abrangido pelas dimensões da vida metropolitana. Onde o aumento quantitativo em importância e o dispêndio de energia assumem seus limites, a pessoa se volta para as diferenças qualitativas, de *modo a atrair*,

¹⁸ Os ganguistas tem códigos próprios que os identificam. Este códigos vão desde marcas no corpo, como piercings, tatuagens (tatuagens em várias parte do corpo - ex: tatuagem no rosto, ao lado do olho, manifesta entre alguns ganguistas, tempo no cárcere; entre outros, o símbolo do grupo é um rosário tatuado entre os dedos indicador e polegar), modos de andar, vestir-se, até formas específicas de cumprimento que diz de onde vieram e a que gangue pertencem (ex: acenar com a mão tendo apenas os dedos indicador, mediano e minguinho apontado para cima indica que são do West; acenar com o dedo minguinho e o indicador apontados para baixo indica que são do South).

por alguma forma, a atenção do círculo social, explorando sua sensibilidade e diferenças." (Simmel, 1979: 22).

Apesar de Simmel ter perfeita razão quando fala da atitude blasé dos moradores de grandes cidades, podemos notar nos jovens de rua um exagero na atitude performática, onde estes, na rua, querem o tempo todo expressar emoção, raiva, coragem, valentia, enfim enfrentamento da vida, visibilidade. Na postura corporal trazem o peito sempre muito à mostra (especialmente os rapazes), os braços parecendo sempre muito ágeis, o corpo movimenta-se jogado de um lado a outro, num andar quase de malandro. A cabeça quase sempre está erguida numa atitude de enfrentamento. Só utilizarão o artifício da invisibilidade quando for necessário, por algum motivo, como vimos acima. Nas suas narrativas muito performatizadas são capazes de expressar os valores da rua, de narrar suas experiências. E a rua parece ideal para agrupar-se entre os seus e construir narrativas. Narrar é uma forma usual de dar sentido à vida, e narrar na rua é especialmente performático, e por isto mesmo, reflexivo, já que sabem muito bem onde e quando podem ou devem lançar mão de determinadas narrativas, determinados códigos; controlam seus próprios códigos conforme a ocasião, demonstrando conhecer e manipular no dia-a-dia códigos da sociedade, da legislação. Um exemplo típico é quando desejam ganhar dinheiro pedindo, ou quando querem arrumar emprego. Para pedir, mudam completamente sua feição, em alguns casos fazendo-se como coitados, e noutros tornando-se mais amedrontadores, dependendo para quem pedirão ou como a pessoa reage. No caso de arrumar emprego, preparam-se com roupas limpas, tomam banho, usam perfumes e falam sem gírias comumente usadas no grupo ou com pessoas na rua.

3.3 O valor da experiência

Para que a narrativa e a performance sobre a vida na rua tenha eficácia e algum impacto entre os grupos, deve ter confirmação na própria experiência. Caso não o tenha, certamente será considerada uma narrativa "falseada". E esta narrativa terá mais sentido quanto mais duras ou exóticas forem as experiências. Se alguém dorme na rua em boas condições, significa que não passou por dificuldades próprias de quem é morador de rua; logo, se não experimentou o frio, a fome, a dor, a insegurança da rua, sua narrativa não terá o mesmo valor de quem viveu tal experiência. Duas estórias presenciadas tanto em SF quanto em Florianópolis expressam o valor da experiência na rua.

O primeiro caso trata-se de um evento que presenciei na Praça XV, em Florianópolis. Era meia tarde e um grupo de rua conversava animadamente quando cheguei. Estavam na presença de uma garota de classe média alta, que aproximava-se do grupo de rua, e se dizia "uma da turma". Todos zombavam dela, dizendo que para ser um deles, tinha que viver como eles. Ela decidira há algumas semanas atrás que dormiria na rua com eles para mostrar que seria capaz de tal experiência e assim ser aceita pelo grupo. Ela justificava que não assumia morar na rua como eles porque estando em casa sempre conseguiria dinheiro para o grupo comprar o "baseado". Neste dia, cobravam dela a promessa. Neste dia ela convenceu o grupo que ficaria na rua. Escurecia quando ela levantou-se e foi saindo. "Onde vais? Não ias dormir com a gente na rua?" perguntou um dos garotos. Ela imediatamente explicou: "Mas eu vou dormir... Eu só vou lá em casa pegar o carro da mãe com um cobertor e um colchão e depois volto". Todos riam muito, especialmente algumas garotas, que a "suportavam" no grupo, e uma delas gritou: "Eu sabia que esta burguesa não ia dormir com a gente. Ela é mesmo uma folgada! Acha que assim pode ser uma de nós." E um dos garotos afirmou, em meio a risos zombeteiros: "Como ela quer dormir na rua qualquer um dorme... Tá achando que é assim: cobertor quentinho, colchão sequinho, carrinho da mamãe...". E a conversa seguiu depois que ela se foi, pois todos tinham certeza que ela era mesmo uma "burguesa" e não serviria para a vida na rua.

Outro episódio é narrado por Kurt. Refere-se à reclamações feitas por Sarah, uma garota que forma parte de um grupo de anarcopunks que neste momento se encontra nas ruas de SF. Neste dia estavam no Outreach, e chegaram algumas garotas que começavam a freqüentar diariamente a rua e por isto tentavam entrosar-se com o pessoal dali. Elas ainda não viviam completamente na rua, e tinham carros muito bons, que ganharam de sua família classe média alta de SF. Reclamavam de seus pais por não lhes darem a liberdade que queriam. A garota punk, chateada com uma delas, disse que queria ver as mesmas terem que trabalhar todos os dias para os pais para pagar o carro que estes lhes deram. Acusava-as de terem tudo facilmente da família, não sabendo ainda o que significava viver na rua.

Marcas do corpo expostas, tatuagens, piercings, cicatrizes, confirmação de conhecimento de lugares por onde passou, testemunhas de eventos contados são artificios usados e bem vindos para que a performance seja mais impactante. A capacidade de convencer o grupo está especialmente na forma como o narrador é capaz de juntar o que

conta com o que viveu. Alguém com capacidade de mentir pode ser muito bem visto pelo grupo, especialmente se esta mentira representar uma capacidade para driblar a lei do estado, as regras sociais, para salvar alguém de uma enrascada, para assegurar que é capaz de inventar histórias geniosas, para conseguir coisas para o grupo. No entanto, alguém que seguramente narra experiências que não viveu na rua tentando assim conseguir um status entre o grupo, entrará em descrédito tão logo isto se evidenciar. Arno, um rapaz de mais ou menos 22 anos que vai todos os dias ao Outreach, narrava aventuras de sua vida na rua, da sua forma de escapar da escola mesmo com os professores pedindo que voltasse já que era tão inteligente, dos seus grandes feitos na vida. Sua narrativa foi perdendo força entre os demais e seu vínculo com o grupo foi se tornando mais frágil na medida em que se deram conta que mentia constantemente. A competência de sua performance não era atingida, uma vez que o grupo percebeu imediatamente que queria convencê-los de uma experiência que não tinha passado; passaram a entendê-lo como alguém não confiável especialmente porque, além de mentir, era capaz de roubar dentro do próprio grupo. Passa quase a ser ignorado quando fala de suas aventuras. Assim, a mentira é avaliada de duas maneiras: trata-se de um "mangueio", uma atitude de aproveitamento de alguém fora do grupo é vista como "malandragem", como astúcia, esperteza; mas se por outro lado é utilizada dentro do grupo, é vista como aproveitamento, como atitude de pouca confiança e certamente será rechaçada.

A competência na rua também é testada nos conhecidos rituais de passagem aos quais alguns grupos de rua submetem um novo membro, até aceitá-lo como um igual. Os rituais de passagem, tão bem explorados na antropologia por Van Gennep e Victor Turner fazem parte de um importante meio que as sociedades têm para preparar membros para entrarem em fases distintas da vida - rituais de puberdade, rituais de nomeação são muito conhecidos. Meninos e meninas são submetidos a reclusão ou a testes para poder passar à outra fase da vida, assumindo novos papéis sociais perante os demais membros da comunidade. Em campo, muitas vezes presenciei os moradores de rua submeterem seus amigos da comunidade que queriam viver na rua à provas da malandragem no roubo, a desafios de frio e fome na rua, a testes de coragem, ao trabalho para conseguir drogas. Caso não se submetessem a estes, eram considerados fracos para estarem nas ruas, "filhinhos da mamãe" e deveriam voltar para casa, sob pena de sofrerem abusos na rua, inclusive do próprio grupo. Há uma forte repulsa por pessoas que não demonstram coragem e

perspicácia naquele meio¹⁹; por outro lado, há entre eles uma prática de solidariedade, já que entendem que viver ali não é fácil, e se alguém suporta aquela experiência, merece certo respeito.

Mas nem sempre a aceitabilidade entre o grupo se dará pela adesão a todos os códigos. Em SF, a independência, a capacidade de resistência à hegemonia da rua é uma das grandes virtudes de uma pessoa, mostrando que o mito do individualismo moderno faz parte dos valores da rua. Podemos perceber isto claramente pelo respeito que determinadas pessoas conquistam na rua por mostrarem autenticidade perante os demais. Um exemplo disto é Joe, um garoto de 19 anos. É, entre os garotos que conheci em SF, um dos mais performáticos, assemelhando-se apenas a Jesse. Sua enorme criatividade na maneira como se veste, seu andar completamente chamativo e divertido caracteriza-o visivelmente como um garoto distinto dos demais. Ele não participa de coisas comuns aos demais como por exemplo o consumo de drogas. Mas nem por isto o grupo o vê com menos status. Apesar de que ser capaz de viver na droga expressa que se participa da cultura do grupo, paradoxalmente, a decisão de não usar drogas, especialmente álcool, passa a ser uma prova de coragem, de resistência a todas as regras do grupo. Logo, conota liberdade e independência, que são os valores mais fortes do grupo.

3.4 O mito revisado e espelhado: A mídia da rua e a mídia sobre a rua

Segundo Shoerer (apud Watt, 1997), o mito é uma imagem capaz de dar rumo e sentido filosófico aos fatos da vida comum. Watt (1997), ao falar dos mitos da modernidade diz que uma das principais funções do mito é ancorar o presente no passado - são personagens que existiram um dia mas que agora estão presentes nas narrativas. Para Lévi-Strauss, o mito têm uma relação com a estrutura social; ele é uma linguagem e como linguagem pode revelar aspectos da organização e da estrutura de uma determinada sociedade.

O "mito do herói" que enfrenta aventuras, dificuldades, que se coloca em teste a cada hora, que não exita num ato de coragem, que sofre mas não foge da dificuldade faz

¹⁹Cito o caso de Carlinhos, oito anos, que dormia nas ruas de Florianópolis fazia uma semana e estava dividido entre a vontade de juntar-se ao grupo da rua e a resistência ao roubo. Antes trabalhador, está na rua porque brigara com a família e como tinha um primo na rua, decidiu ficar com este. Um dos garotos do grupo da rua perseguia-o dizendo que se não tivesse coragem de roubar, ia ter que voltar para casa.

visivelmente parte do imaginário dos moradores da rua considerados aqui. Isto se pode visualizar nas várias vezes que se ouve falar de atos corajosos, transcritos neste trabalho, mas também por evidências maiores relacionadas a mitos históricos que permeiam o imaginário do mundo da coragem. Um exemplo claro disto é que Jesse, um dos dos mais valentes jovens que vive na ruas de SF, tem o nome "Jesse James" dado por seu pai em homenagem ao grande outlaw (fora da lei) de mesmo nome, que agiu nos estados do Novo México e Arizona na segunda metade do Século XIX. Jesse, o morador de rua, por sua vez, dá ao seu filho o mesmo nome - Jesse James Júnior. Jesse James era um pistoleiro, ladrão, mas também conhecido por sua solidariedade com o povo, e com seu próprio grupo - fazia parte de um grupo de irmãos, solidários entre si. Outro personagem interessante que é citado nas narrativas dos garotos na rua é Billy The Kid (Gui - A Criança). A presença deste personagem na vida Novo Mexicana é tão grande que ainda hoje tanto cientistas quanto moradores de rua procuram os restos mortais do herói. Billy tinha cara de criança e por isto era Kid. Era o mais cruel, o mais apto com a pistola, atirando sem piedade; era também o maior jogador de pôquer da sua época²⁰.

Estes valentes homens transformaram-se em personagens centrais de vários filmes de aventura conhecidos nos EUA como Westerns. No Brasil, conhecidíssimos especialmente pelas comunidades interioranas pela identificação que tinham com o estilo de vida do "Faroeste", estes filmes passavam na TV nas sessões da tarde e aos sábados à tarde, reunindo especialmente os homens, mas muitas vezes juntando toda a família. Na minha infância e ainda nas ruas de Florianópolis, vez por outra se via alguém simulando "sacar a arma" como um destes "forasteiros". O mito do Outlaw narra normalmente a história de um bandido que assalta bancos ou diligências, que sabe usar a pistola como ninguém, que é temido por todos, mas que de repente vira herói porque salva alguém; normalmente salva uma senhorita das mãos de um "mocinho" que a aprisiona exigindo o seu amor e esta por fim acaba se apaixonando pelo seu salvador. Acima de tudo, este bandido/herói tem a sua liberdade e a do outro como valores fundamentais.

No Brasil, além de se ter difundido estes personagens por várias gerações, os heróis divulgados atualmente na mídia tem também a valentia como a principal característica. Acima de tudo, a coragem de fazer coisas ousadas, coisas que os demais seres

²⁰ Entre os moradores de rua de SF se ouve ainda narrativas que envolvam o Coyote, um deus brincalhão muito astuto. Mito entre Índios Navajos, os Pueblo e, os Zuni o Coyote é o deus do caos. Justamente o garoto indígena que fala sobre este mito tem o apelido Wolf - que significa lobo.

comuns não serão capazes de fazer, formam parte do imaginário heróico moderno.

Se os jovens, adolescentes e crianças na rua se vêem e se mostram como portadores de uma coragem quase heróica, pelo outro lado do espelho, como quem os mira pelo avesso, sob a perspectiva de quem vive na instituição (e cultiva valores modernos de família nuclear e de infância escolarizada), os moradores de rua são vistos como marginais sociais, reforçando o "mito do bandido". Existe, entretanto, entre ambos os mitos uma relação dialética, onde o primeiro reforça o segundo e vice-versa e onde um não poderia existir sem o outro. "Bandido" ou "herói" são dois enquadres (Bateson, 1998; Goffman, 1998) a "qualidades" que se encaixam em um só ator. O que faz com que se destaque mais uma ou outra "face do personagem" é o enquadre que se privilegia nas interações sociais que estes sujeitos têm com outros e consigo mesmos, e isto vai se modificar conforme o contexto em que se encontram. A ação do enquadre dado é paradoxal: muitas vezes se vive um, parecendo ser o outro, ou se vive pensando ser um, para poder ser o outro.

O mito bandido/mocinho, em suas inúmeras macro-narrativas²¹, pretende frisar uma forma de representação do bem e do mal, duas forças antagônicas que estão constantemente em relação. As narrativas mais atuais e talvez mais difundidas entre os jovens, adolescentes e crianças em desenhos animados, em filmes de ação, em telejornais, no entanto, visam essencialmente a eliminação das forças do mal, justificando a erradicação de determinados grupos ou pessoas, como portadoras deste mal²². Esta foi, e ainda pretende ser, a narrativa que confronta atores sociais e os dá um lugar distinto na sociedade (atrás das grades da cadeia ou a estrela de xerife).

Ainda que depois de Foucault (1994) saibamos que o poder é relacional, quebrando a grande narrativa do bem e do mau e confundindo o lugar de bandido e herói no imaginário pós-moderno, a perpetuação da narrativa dualista que pretende identificar, perseguir todo o mal da terra e eliminá-lo (ver o mito moderno do Super Man) se faz

²¹ Nos filmes de faroeste o bandido sempre é perseguido pelo mocinho, mas muitas vezes é ele também visto como bandido até mostrar sua verdadeira face - a de herói por ter tido um ato de coragem. E quem não viu desenhos de super heróis, que no final sempre vencem, mas que tem uma vida cercada de aventuras, um corpo marcado pelas experiências de coragem?

²² Este imaginário é usado nas narrativas que querem justificar o recente ataque das forças norte-americanas ao Iraque. Tanto George Bush quanto Tony Blair, quando falavam sobre os motivos da guerra, localizavam o oriente e Saddam Hussein como os grandes inimigos do resto do mundo. Então, era natural que "as forças do bem" combatessem as "forças ocultas do mau".

presente no imaginário da vida moderna "segura", onde se pode garantir a propriedade privada, a vida em família, o bem estar social aos bons cidadãos, trabalhadores e cumpridores de seus deveres perante a lei. A segurança é promessa e o desejo da maioria dos moradores de grandes cidades modernas, mas como frisamos no início deste texto é a promessa que se alastra por todos os lados do globo. Ela se concretiza especialmente na criação dos aparatos de segurança desde os mais singulares até a projeção de defesas de destruição de massa, que prometem a segurança de nações inteiras ampliando o medo do inimigo e gerando forças secretas que eliminem o mal inimigo. O discurso sobre a segurança vêm ele mesmo (e os atos que ele cria), construindo diversas categorias sociais marginais como delinqüentes, bandidos, ladrões, malandros, sonegadores, fugitivos das escolas e das casas, trabalhadores informais que não pagam imposto, vadios que não querem trabalhar (mesmo que quase sob regime de escravidão), negro, judeu, etc... - são termos de acusação a aqueles que são enquadrados socialmente como time do mal. Não é preciso dizer que também a legislação vem se especializando em termos, em leis mais ou menos rigorosas, que buscam retirar do convívio dos bons cidadãos, os marginais da nossa sociedade. Parece a velha história do *Faroeste*: são "mocinhos" caçando "bandidos".

Dos Santos (2003) lembra que nos anos 80 o mito do herói, do rebelde, foi a grande forma de abordagem da vida na rua. Este mito alimentou trabalhos acadêmicos, relatórios de instituições financiadoras de trabalhos na área de infância, e estavam disseminados no imaginário social, quando nesta década vários destes "heróis" foram eliminados pela polícia no Rio de Janeiro, em plena Praça, em frente à Igreja principal, um episódio que ficou conhecido mundialmente como "Chacina da Candelária". "Heróis de mais habitavam as ruas...". Foi depois deste episódio, onde vários meninos de rua foram assassinados e os demais que sobreviveram foram perseguidos pelos policiais para não testemunharem, que a questão da matança de crianças e adolescentes toma dimensão na mídia de forma mais visível e estes passam a ser vistos como emblema da injustiça social. "Street children were seen as 'prophets', 'heroes', and 'rebels' until the early 1980s in Brazil (Pastoral do Menor da Arquidiocese de São Paulo 1987) and later as an emblem of social injustice or an emblem of social neglect (...)." (Dos Santos, 2003).

A existência e perpetuação ainda hoje de denominações distintas -"crianças e adolescentes" para referir-se aqueles que vivem em casa e "runaways" ou "menores" para referir-se a crianças e adolescentes que vivem nas ruas ou que são da classe popular -

denuncia o imaginário diferenciado que se tem sobre este tema²³. Os termos falam de personagens distintos que ocupam o dualismo "criança bem educada" e da "criança desviada" do seu caminho. Na segunda categorização localiza-se o mal que deve ser eliminado do mundo. O que estes termos distintos expressam, mais que tudo, são categorizações que excluem, dando à crianças, adolescentes e jovens uma diferenciação genérica que nada fala do ser que os habita. Apenas ajudam a manter a divisão social, estabelecendo valores a distintas experiências e subjetividades, estabelecendo direitos e deveres que sabemos jamais serão universais (Dumont, 2000), garantia dada pela própria dinâmica capitalista que se espande indiscriminadamente no mundo moderno.

Se por um lado olha-se para crianças e jovens de rua com espanto e com medo, transformando-as em mitos (seja de "bandidos", ou "pobres coitados"), e não em seres como quaisquer outros que precisam sentir-se vivos, por outro lado, em reação à isto, eles também se contróem como "mitos", transformando a atitude de enfrentamento na rua na sua principal técnica de sobrevivência pois assim ao menos serão ouvidos e respeitados - seja pelo medo da população, seja pela turma da rua. Então, se num momento de sua vida "encarnam" determinados mitos para fazê-lo vivo no seu cotidiano, ou se necessitam "fingir vivê-lo", é porque antes se construiu isto como possibilidade mítica socialmente - muitos irão à rua porque nesta, seja como "problema social" ou através da própria experiência que possibilita uma narrativa de destaque, se sentirão de algum jeito em foco. Terão seu cotidiano vitalizado pelo desafio e pela emergência da vida que encontram alí e que na casa não é possível.

Não se trata aqui de romantizar o mundo da rua - o perigo existe nela, como existe na casa - mas de entender a experiência que nela crianças e adolescentes constróem como uma possibilidade da existência humana - e não somente como fruto da vida marginal que a sociedade lhes atribuiu historicamente ou como "mitos" que terão, como todos os bandidos sociais, o destino certo - o cárcere. O risco que corremos é de imitarmos a vida do outro lado do espelho onde Alice caiu (citado como epígrafe neste texto): 'Que espécie de coisas se lembra melhor?', arriscou-se Alice a perguntar. 'Oh, das coisas que aconteceram na semana que vem', respondeu a Rainha num tom descuidado. 'Por exemplo, agora', continuou, pondo um grande adesivo no dedo enquanto falava, 'estou a lembrar-me do

²³ Especialmente no Brasil, depois da criação do Estatuto da Criança e do adolescente (ECA) e da forte campanha que se fez nos anos 90 para eliminar o termo "menor", já que o mesmo era estigmatizante e frequentemente usado para crianças e adolescentes de classes populares.

Mensageiro do Rei. Está agora na prisão a ser castigado; e o julgamento não começa senão na próxima quarta-feira; e é evidente que o crime só virá no final'."

4. Algumas considerações, para interromper minha performance nesta narrativa, que não tem conclusão

Os moradores de rua que me ajudam a compor esta narrativa não invertem a lógica dos moradores das casas; não compõem a antiestrutura, como propõe as análises de Victor Turner (1994); não são os "outsiders". Salientam na sua vida real, aquilo que é construído como valor, e que é reiterado nas narrativas dos adultos e na mídia, e que já está presente na dinâmica social. Falando sobre **ação e representação**, Dumont propõe que os homens agem com uma idéia na cabeça que é dada socialmente. Com isto o autor não está eliminando a criatividade do sujeito social, mas está lembrando como "O homem age em função do que ele pensa, e se possui em certo grau a faculdade de agenciar seus pensamentos ao seu modo, de construir categorias novas, ele o faz a partir das categorias que são socialmente dadas, e sua ligação com a linguagem basta para lembrar este fato (...)" (Dumont, 1992: 54).

A busca do mito do "herói aventureiro" moderno na rua não é senão a velha busca da plenitude ontológica que o vazio existencial da invisibilidade da casa os coloca, seja pela cegueira do estado, seja pela família, seja pela maneira como nos organizamos para viver nas grandes cidades, onde o medo do outro é o pano de fundo da existência naquele espaço. E esta busca não parece ser somente da criança, ou dos velhos que jogam xadrez na Praça XV: parece mais um sintoma da vida moderna.

As narrativas de crianças, adolescentes e jovens nas ruas são a expressão viva e performática que o sujeito falante, o "menino de rua", se assim o queiram chamar, tem um espelho que o ouve e onde é possível refletir sua própria imagem - este espelho é a sociedade abrangente; e a imagem que este vai construir de si mesmo vai ser tão mais perigosa ou tão mais heróica, conforme quem a mira e por isto o espelha do outro lado. Se o miramos como pessoas como qualquer um de nós, que deseja ser visto e ouvido, que deseja construir-se numa relação de sujeitos, talvez possamos mudar também o mito da rua como espaço do perigo e da violência e nós mesmos provarmos o estar na rua sem temores.

Sair de casa é uma indicação óbvia de que o lugar dado a estas crianças e

adolescentes não é o lugar que elas desejam para si, onde se sintam reconhecidas como sujeitos da sua história. Talvez possamos, através de uma mirada que vê sujeitos na rua e não somente mitos incarnados, perceber quais outros espelhos existem, quais outros olhares podem ser lançados para nós mesmos neste caleidoscópio de imagens que somos capazes de criar constantemente na interação social. Esta mirada pode nos possibilitar novas experiências, novas práticas que certamente refletirão na forma como crianças e adolescentes se constroem. Não somente a criança na rua, mas também a criança na casa, que muitas vezes se torna um prisioneiro dos desejos de consumo alimentados por pais, que os aprisionam. Pergunto: De que modo nosso olhar sobre os moradores de rua pode modificar a lógica estigmatizante (Goffman, 1989) de heróis/bandidos ou de vitimização sobre estas crianças, adolescentes e jovens?

Ao mesmo tempo quero chamar atenção para o que estes jovens nos ensinam: eles nos mostram nossa submissão a um sistema como se ele fosse estrutura imutável e ao mesmo tempo espelham o nosso ingoverno. Mostram aquilo que em nós não se cala na submissão do dia-a-dia ao trabalho (ao patrão, ao sistema de governo, ao que já vêm pronto para consumirmos sem nada criar). Isto não quer dizer que vivam o sonho que todos nós temos mas que certamente, de algum jeito, eles espelham a ingovernabilidade que não suportamos ver em nós mesmos, porque sim, já nos submetemos mais do que resistimos. Eles denunciam o que em muitos de nós é já um sonho. Tomam o risco da vida como a própria vida! E nós, pelo discurso do medo, tomamos a segurança moderna de não viver!

Bibliografia:

- ARIÉS, Philippe. **História Social da Infância e da Família**. RJ: Guanabara, 1985.
- BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: Ribeiro, B.T. e Garcez, P. M. (org). **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise de Discurso**. Porto Alegre: Ed. Age, 1998.
- BRIGGS, Charles. **Competence in Performance: The creativity of tradition in Mexican verbal art**. Philadelphia, University of Pensilvânia Press, 1988.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. SP: Brasiliense, 1985.
- DOS SANTOS, Benedito. **Ungovernable children**. PhD dissertation University California Berkeley, 2003.

- DUMONT, Luis. **Individualismo**. SP: Rocco, 1992.
- DUMONT, Luis. **Homo Hierárquicus**. SP: EDUSP, 2000.
- DOUGLAS, M. **Purity and Danger: An Analysis of the Concepts of Pollution and Taboo**. London: Routledge, 1970.
- FONSECA, Cláudia. Criança, Família e Desigualdade Social no Brasil. In: RIZZINI, Irene. **A Criança no Brasil Hoje - Desafio para o Terceiro Milênio**. Rio de Janeiro: Ed. Universitária Santa Úrsula, 1993.
- FONSECA, Cláudia. **Caminhos da Adoção**. São Paulo: Cortez, 1995.
- FOUCAULT, M. **Discipline and Punish**. New York: Vintage Books, 1979
- FOUCAULT, M. "The Subject and the Power," in *Power*. Edited by J. Faubion. New York: The New Press, 1994.
- FREIRE Costa, J. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GOFFMAN, Irving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1989.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: Ribeiro, B.T. e Garcez, P. M. (org). **Sociolinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise de Discurso**. Porto Alegre: Ed. Age, 1998.
- LECZNEISK, Lisiane; *Corpo*, Virilidade e gosto pelo desafio: a masculinidade entre os guris de rua. In: **Horizontes Antropológicos - Gênero**. ano 1, no 1, PA, 1995.
- Rizzini, I., and I. Rizzini. "'Menores' Institucionalizados e Meninos de Rua: Os Grandes Temas de Pesquisas na Década de 80," in **O Trabalho e a Rua: Crianças e Adolescentes no Brasil Urbano dos Anos 80**. In: R. Cervini and A. Fausto. São Paulo: Cortez Editora, 1991.
- SHAW, Kurt. **La Globalizacion de la Exclusion**. www.shinealight.com/Ensaio para compreender a rua. 2002. (Visitado em 2003).
- SILVA, Rita de Cácia Oenning da. **A Porta Entreaberta" - Práticas e representações em torno das relações entre casa e rua junto a crianças de camadas populares em Florianópolis**. Florianópolis,. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.
- SIMMEL, G. A Metrópole e a vida mental. In: In: VELHO, Gilberto. **O Fenômeno Urbano**. RJ: Zahar, 1979.
- TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- Watt, Ian. **Mitos do Individualismo Moderno**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.